IV — Para que serve o Papa?

> **Sumário.** O Papa conserva a dignidade humana.

Para que serve a pedra angular da abóbada num edifício?... Pois bem! o Papa é a pedra angular do edifício social, que não pode subsistir sem dignidade, sem liberdade, sem segurança, sem propriedade.

Conservando o cristianismo, o Papa conserva a dignidade humana. Saber resistir até o sangue, em vez de se dobrar diante do erro ou da injustiça: eis o que constitui a dignidade do homem. Essa dignidade, a que as sociedades devem os seus esteios e a humanidade as suas glórias, repousa essencialmente sobre o Papa. Como? Porque o sacrifício, mesmo da vida, à verdade e à justiça, supõe o conhecimento certo, a convicção invencível da verdade e da justiça.

Tal certeza exige duas condições: a infalibilidade e a liberdade da palavra, órgão da verdade e da justiça. Ora, sem Papa, não há infalibilidade, e sem Papa independente, não há liberdade de palavra, liberdade tal como é preciso, manifesta e reconhecida, para impor a fé[1].

Em lugar disso, que tereis? Hoje, a incerteza do verdadeiro e a incerteza do direito. Amanhã, uma dessas grandes rupturas a que se chama cisma. Com o cisma, um lúgubre cortejo de divisões, de ódios, de prevaricações, de perturbações religiosas e sociais, a ruína da fé e a derrocada dos costumes. Por sacerdotes: funcionários aviltados; popes ignorantes, como na Rússia; *clergymen* casados, como na Inglaterra. Por Igreja: uma criada para todo serviço, condenada aos ofícios mais baixos, e devorando, sem dizer palavra, todas as sobras do desprezo, todas as vergonhas da servidão.

Que tereis ainda? O fato no lugar do direito. A infalibilidade usurpada no lugar da infalibilidade legítima. Os reis serão papas. Em vez do símbolo católico, tereis credos de fabricação humana, assinados Elisabete ou Nicolau. Diante desses farrapos de papel, saídos do gabinete de um déspota ou do toucador de uma cortesã, tereis de vos prostrar. Sob pena de morte, tereis de beijá-los como o Evangelho e, beijando-os, abdicar de toda dignidade moral.

Assim aviltada no que tem de mais nobre, que vem a ser a humanidade? O que era antes do Papa. Que era ela então? Um pagão o disse: era um rebanho exposto numa feira, sempre pronto a adjudicar-se ao maior lance: *Urbem venalem et mature perituram si emptorem invenerit*.[2]

Que vem a ser a sociedade? O que é por toda parte sem o Papa: um vasto bazar onde tudo se vende, porque tudo se compra: liberdade, honra, consciência.

Que vêm a ser os homens mais orgulhosos? O que foram na Roma dos Césares: criados para todo serviço, advogados para dizer tudo, exceto a verdade, prestadores de todos os juramentos, cortesãos igualmente sinceros de Vitélio e de Otão, augusto senado deliberando com gravidade sobre o molho do rodovalho que deve alimentar o seu senhor.

Conservar a dignidade humana: eis, ainda, para que serve o Papa.

Notas

[1] Ver a razão em nosso opúsculo: *A Situação*.

[2] N. do T.: «Cidade venal, e prestes a perecer, se achar comprador» (Salústio, *Guerra de Jugurta*, XXXV). Gaume não indica a fonte.

Revision #1
Created 24 November 2026 23:17:43 by Admin
Updated 24 November 2026 23:17:43 by Admin